

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE PEDAGOGIA
9º PERÍODO – NOTURNO– TURMA PN22_ B01

ATA DO SEMINÁRIO DE SOCIALIZAÇÃO DO TCC-ARTIGO

Aos 29 dias do mês de maio, do ano de dois mil e vinte e seis (29/05/2026), precisamente às 18:00 horas, na sala 10, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - CESTB, localizado à Avenida da Amizade, 74 - Centro, no município de Tabatinga/AM, em consonância com o que diz o Projeto Político Pedagógico - Regulamento do TCC (Curso de Pedagogia), Art. 16º. "Os Seminários de Socialização são de caráter público", reuniram-se os acadêmicos do Curso de Pedagogia – 9º período - noturno, turma PN22-_B01, para o **Seminário de Socialização da Monografia/Artigo – TCC** intitulado "**O ensino e a prática intercultural na escola kokama da comunidade indígena de Sacambú I- Tabatinga/AM**" elaborado pela acadêmica **Vaneila Pevas Rodrigues** sob a orientação da **Profa. Ildete Freitas Costa L. Gomes** (presidente da banca) o qual foi avaliado pelos professores: **Prof. Ismael da Silva Negreiros (Av.1)** **Prof. (Av.2) Dime Alexandre Londono Gomes** que fazem parte da comissão de avaliação conforme composição transcrita abaixo, bem como a avaliação final da apresentação.

ACADÊMICA	NOTAS DOS AVALIADORES		Nota final
	Aval. 1	Aval. 2	
Vaneila Pevas Rodrigues	10,0	10,0	10,0

Vaneila Pevas Rodrigues

Vaneila Pevas Rodrigues - Acadêmica

Ismael da Silva Negreiros

Avaliador- 1 Prof. Ismael da Silva Negreiros

Dime Alexandre Londono Gomes

Avaliador – 2 Prof. Dime Alexandre Londono Gomes

Tabatinga, 29 de maio de 2026.

O ENSINO E A PRÁTICA INTERCULTURAL NA ESCOLA KOKAMA DA COMUNIDADE INDÍGENA DE SACAMBÚ I- TABATINGA/AM

Vaneila Pevas Rodrigues ¹

Ildete Freitas Costa Londono Gomes ²

RESUMO: O trabalho em questão, contextualiza o ensino intercultural por meio das práticas pedagógicas dos professores e professoras indígenas e não indígenas na escola Indígena de Sacambu-I. Tendo como foco principal compreender como o conceito de interculturalidade está sendo tecido com as práticas pedagógicas no cotidiano escolar da escola Kokama na citada comunidade, diante das diversidades culturais que se entrelaçam na região da tríplice fronteira amazônica. Nesse contexto, o ensino intercultural tem o potencial de impactar significativamente a educação na escola indígena, promovendo a construção de novos saberes. Entretanto, a atuação dos professores, ao adotar práticas interculturais, não apenas enriquecerá o aprendizado, mas também permitirá o desenvolvimento de atividades prazerosas e envolventes para os alunos. Essa prática pode transformar positivamente a experiência educacional, tornando-a mais inclusiva e significativa. A pesquisa é de natureza etnográfica, e tem a contribuição teórica de Brasil (1996), Candau (2011), Fleuri (2003), Gomes (2007), Lima (2018) e dentre outros autores. Os dados foram complementados por meio da observação participante, entrevista semiestruturada com cinco professores e registros no diário de campo. Os principais resultados deste trabalho revelaram a importância de aumentar os investimentos na formação específica para professores, tanto indígenas quanto não indígenas para poderem desenvolver um excelente trabalho e atender às necessidades específicas dos alunos que estudam na escola indígena de Sacambú-I; Destacamos também que é fundamental que haja um número maior de aulas práticas quanto aulas teóricas no ambiente escolar para que os alunos possam assimilar e compreender o conteúdo trabalhado. Além disso, ficou evidente que o ensino e a prática intercultural são de suma relevância e proporciona aos estudantes novos conhecimentos que lhe ajudarão em sua vida cotidiana, assim como gera impacto positivo no aprendizado e no desenvolvimento dos estudantes.

Palavras-chave: Educação indígena. Ensino intercultural. Escola Kokama.

RESUMEN: Este trabajo contextualiza la educación intercultural a través de las prácticas pedagógicas de docentes indígenas y no indígenas en la escuela indígena Sacambu-I. Su objetivo principal es comprender cómo se integra el concepto de interculturalidad en la vida escolar cotidiana de la escuela Kokama en esta comunidad, considerando la diversidad cultural que se entrelaza en la región amazónica de triple frontera. En este contexto, la educación intercultural tiene el potencial de impactar significativamente la educación en la escuela indígena, promoviendo la construcción de nuevos conocimientos. Sin embargo, las acciones de los docentes, al adoptar prácticas interculturales, no solo enriquecerán el aprendizaje, sino que también permitirán el desarrollo de actividades amenas y participativas para los estudiantes. Esta práctica puede transformar positivamente la experiencia educativa, haciéndola más inclusiva y significativa. Esta investigación es de naturaleza etnográfica y se basa en las contribuciones teóricas de Brasil (1996), Candau (2011), Fleuri (2003), Gomes (2007), Lima (2018) y otros autores. Los datos se complementaron mediante observación participante, entrevistas semiestructuradas con cinco docentes y notas de campo. Los principales resultados de este trabajo revelaron la importancia de incrementar las inversiones en la formación docente específica, tanto para docentes indígenas como no indígenas, para que puedan desarrollar una labor excelente y atender las necesidades específicas del alumnado de la escuela indígena Sacambú-I. Asimismo, se destaca la necesidad fundamental de contar con un mayor número de clases prácticas y teóricas en el entorno escolar para que el alumnado pueda asimilar y comprender los contenidos impartidos. Además, se evidenció que la enseñanza y la práctica interculturales son de suma importancia, ya que proporcionan al alumnado nuevos conocimientos que le serán útiles en su vida diaria, además de generar un impacto positivo en su aprendizaje y desarrollo.

Palabras clave: Educación indígena. Enseñanza intercultural. Escuela Kokama.

¹ Mulher indígena do Povo Kokama, da comunidade de Sacambú – I. Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia do CESTB/UEA.

² Professora Doutora do curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

1. INTRODUÇÃO

A educação escolar indígena é um direito fundamental e primordial que ganha destaque na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹ (LDBEN) de 1996. É importante lembrar que as LDB's anteriores não trataram de tal tema. Desse modo, a atual lei, assegura aos alunos indígenas uma educação que respeite suas particularidades, dentre elas o ensino em língua materna (língua indígena), assim como a língua nacional oficial, o português, primeiro ponto de interculturalidade a ser desenvolvido na educação básica brasileira. Nessa perspectiva, este trabalho, traz uma discussão acerca da interculturalidade através de práticas de ensino em uma comunidade indígena de Tabatinga, no interior do Amazonas, Sacambú I, na escola municipal que atende a essa população.

Assim, estabelecemos alguns objetivos que norteiam nossas indagações de pesquisa, como compreender como o conceito de interculturalidade está sendo tecido com as práticas pedagógicas do cotidiano escolar na escola Kokama na comunidade indígena de Sacambú I, diante das diversidades culturais que se entrelaçam na região da tríplice fronteira amazônica. E, de forma específica, buscamos realizar um levantamento bibliográfico sobre a teorização do conceito de Interculturalidade e sua relevância para a educação escolar indígena; averiguamos quais são as orientações curriculares propostas pela Coordenação da educação indígena (SEMED)/Tabatinga, e se estas propõem a interculturalidade na prática de ensino e descrevemos como o professor trabalha em sua prática pedagógica com questões interculturais para aprimorar o aprendizado educacional dos alunos indígenas.

O ensino intercultural, é de suma importância para o progresso do aluno indígena, pois oferece a oportunidade de valorizar e respeitar suas culturas e identidades, além de dialogar com outros saberes que os cercam, mas, também traz desafios para os professores que lecionam na educação indígena, principalmente para os professores não indígenas, tais como: dificuldades de desenvolver em sua prática pedagógica métodos e abordagens que contribuam ao processo de ensino-aprendizagem da escola indígena, e por não falar e compreender a língua nativa kokama. Diante disso, o trabalho, busca trazer uma reflexão sobre as práticas interculturais que se alicerçam no processo de ensino, buscando alcançar a seguinte questão norteadora: Como os professores desenvolvem o ensino da prática intercultural na escola indígena kokama de Sacambú I, tendo em vista a diversidade cultural na região de tríplice fronteira?

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) de 1996. É uma Legislação de fundamental importância que organiza o sistema educacional brasileiro e estabelece diretrizes que orientam a educação básica em todo o país. E garanti que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade.

O ensino voltado às práticas interculturais precisa ser trabalhado todos os dias nas escolas indígenas, para que os alunos aprendam não somente o reconhecimento de sua cultura, mas que possam conhecer sobre a diversidade cultural, já que vivem em uma região complexa do ponto de vista das relações humanas e com a natureza, em especial a cultura.

Como nativa da comunidade em estudo, o que observamos, são alunos da comunidade Indígena Sacambú-I crescendo sem saber reconhecer e valorizar as diferenças culturais que estão em contato. E, como professora da escola de Sacambú, pudemos observar que no ambiente escolar, professores indígenas e não indígenas ainda apresentam dificuldades em trabalhar questões interculturais no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A partir dessas observações e reflexões, entendemos que este trabalho, se justifica não apenas pela relevância e originalidade do seu tema, mas, por trazer subsídios científico-pedagógicos aos professores que lecionam na comunidade indígena em questão, e em outras comunidades, através da discussão teórica aqui apresentada, como dos elementos pedagógicos desenvolvidos pelos professores participantes desta pesquisa, e que aqui são apresentados e discutidos. Para que assim, possam desenvolver uma prática intercultural que favoreça o aprendizado e contribua para a formação dos alunos indígenas da escola Kokama da Comunidade de Sacambú I.

A metodologia de pesquisa utilizada é a etnográfica, tendo em vista ser a mais adequada para contextos étnicos, que tem como objetivo “estudar a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social [...]”. (ANDRÉ, 2012, p. 27-28). E seus instrumentos de coleta de dados e técnicas de pesquisa, como observação participante, entrevista, e registro em diário de campo, os quais nos proporcionou dados significativos e consistentes para o desenvolvimento da escrita.

Com este trabalho destacamos a importância do aprofundamento sobre ensino e as práticas interculturais indígenas, no sentido, de obtermos mais informações acerca do diálogo entre culturas, e o papel da educação nessa tarefa. Entendendo como culturas diferentes se relacionam num determinado espaço social, e, como elas produzem conhecimentos educacionais, e os resultados dessas práticas interculturais diante dos conflitos e divergências existentes, e a busca pelas convergências tão necessárias para uma escola que respeita a cultura de povos originários e consiga estabelecer o diálogo intercultural.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Intercultural: Conceitos e Fundamentos

A interculturalidade na escola indígena representa um elemento preponderante para a escolarização indígena, pois, afirma Paula (1999, p. 78), “quando pensada no cotidiano de uma escola indígena, está intrinsecamente ligada à questão dos conhecimentos”. Esses conhecimentos são gerados com base na interação que acontece entre alunos, professores e a comunidade, para que haja compartilhamentos de saberes e promovendo um diálogo profundo entre diferentes culturas. É como um intercâmbio “[...] que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença [...]” Candau (2011, p. 10).

As trocas de conhecimentos culturais tornam-se importantes no contexto indígena porque fortalece e valoriza a cultura de cada povo indígena. Sendo assim, a educação intercultural reconhece o valor intrínseco de cada cultura, defende o respeito recíproco entre diferentes grupos identitários e a construção de relações recíprocas entre esses grupos (SOUZA; FLEURI, 2003). Entretanto a interculturalidade no contexto da escola indígena, representa um caminho que conduz na construção de conhecimento, e garante o reconhecimento, a valorização e o respeito as identidades culturais de um determinado grupo étnico, que ao mesmo tempo transmiti um conhecimento cultural e cria um diálogo entre diferentes culturas, para que haja comunicação e construção de saberes (WALSH, 2001).

Mediante as contribuições dos teóricos destacados, analisamos e compreendemos que o termo interculturalidade vai além de um simples processo cultural, abrangendo aspectos como interação, diálogo e troca de saberes. Mas, ao levar em consideração a realidade da escola Kokama, o conceito de interculturalidade se revela de suma importância, pois observamos na prática que a comunidade indígena de Sacambú-I possui uma rica diversidade cultural que merece ser reconhecida, respeitada e valorizada não apenas pelos habitantes da própria comunidade local, mas também por outras comunidades ao redor. Somente assim podemos transformar a sociedade, buscando torná-la mais inclusiva e transformadora. Isso significa que as diversas culturas devem ser valorizadas, respeitadas e integradas à vivência educativa, criando um ambiente educacional para promover o diálogo entre diferentes saberes.

Ao reconhecerem e valorizarem suas próprias raízes, os estudantes de Sacambú-I podem construir uma base sólida para seu aprendizado e obterem uma formação de qualidade. Essa valorização não apenas reforça sua autoestima, mas também os motiva a compartilhar seus saberes com os colegas da própria ou de outras comunidades indígenas e não indígenas,

promovendo assim um ambiente rico e diverso. Pois os costumes, modos de vida e vivências tornam-se parte integral do processo educacional dos alunos indígenas, e todos os conhecimentos adquiridos lhe ajudarão em seu meio social.

A interculturalidade, nesse sentido, não é apenas uma prática pedagógica cultural, mas representa um elemento preponderante para formar cidadãos conscientes de sua identidade e abertos à diversidade. A escola localizada na comunidade indígena, tem a missão de cumprir seu papel não apenas como transmissora de conhecimentos, mas como promotora de respeito, diálogo e convivência. “[...] para que se efetive de fato e de direito uma escola diferenciada é preciso que diversos profissionais de várias etnias estejam preparados para trabalhar em suas comunidades” Garrido (2021, p.20).

2.1.2 Educação Escolar Indígena e a prática da interculturalidade

A educação escolar, como a conhecemos hoje, tem suas raízes desde os tempos da colonização, quando os missionários e padres jesuítas começaram a ensinar nas comunidades indígenas. Em 1549 iniciou-se a primeira fase da educação escolar voltada para os indígenas, marcando também um importante capítulo na história da Educação Brasileira, especialmente após a chegada dos Padres Jesuítas. “Esses padres assumiram a responsabilidade pela educação escolar durante anos, até serem expulsos pelo marquês de Pombal em 1759” (SIMAS E PEREIRA, 2010, p. 4).

Após uma década da expulsão, a educação indígena passou a receber um ensino público oficial. No entanto, as aulas ministradas nas escolas eram predominantemente baseadas nos valores e saberes da cultura europeia. A língua materna dos indígenas foi sendo gradualmente afastada do ambiente escolar, sendo utilizada apenas para traduzir os conteúdos em português, a fim de facilitar a compreensão dos alunos. Essa mudança não só limitou a valorização da cultura indígena, mas também impactou profundamente a identidade e o aprendizado dos estudantes.

A Educação Indígena ²é hoje uma modalidade de ensino voltada para alunos indígenas que, por meio desse ensino, buscam adquirir conhecimentos e construir uma educação de qualidade, os quais somarão com sua formação e desenvolvimento. Para chegar a essa educação, a mesma passou por diversas mudanças significativas na Constituição Brasileira, que resultaram em propostas para fortalecer a educação indígena, como:

² Segundo a LDBEN 9394/96 a Educação Escolar Indígena (EEI), é uma modalidade de ensino específica e diferenciada e que ao mesmo tempo reconhece e valoriza a diversidade cultural dos povos indígenas no Brasil.

[...] implementação do ensino bilíngue; criação de órgãos normativos para devido fins como acompanhar e desenvolver a educação indígena de forma eficaz; recursos financeiros para promover a formação de professores capacitados; reconhecimento das instituições escolares; assegurar a continuação dos estudos dos alunos em escolas comuns quando este não for oferecido nas escolas indígenas; garantia de acesso ao material didático para as escolas; igualdade salarial entre professores índios e não índios; determinação da revisão da imagem do índio, historicamente distorcida, a ser divulgada nas redes de ensino (BRASIL, 1988).

Por meio dessa mudança busca-se remover o antigo padrão de ensino, que, por muitos anos, desde os primórdios, teve como objetivo principal a catequização e a inclusão dos indígenas no convívio nacional e passa garantir a estes, uma educação de qualidade com direitos de conviverem na sociedade. E, essa educação é compreendida a partir de documentos oficiais, como a LDBEN/1996, que destaca a Educação Indígena como uma modalidade específica e diferenciada, que pode ser bilíngue ou multilíngue em determinadas situações, além de ser intercultural. Ela se estabelece como um espaço de organização dos processos educativos formais implementados. Além disso, a Lei 9.394/1996, enfatiza em seu artigo 78, objetivos que visam oferecer ensino regular para os povos indígenas, garantindo assim que suas necessidades educacionais sejam atendidas de forma adequada e respeitosa.

A educação indígena é fundamental e contribui significativamente para o progresso educacional dos alunos indígenas. Ela se desenvolve continuamente no contexto educacional, recebendo, por meio da União, implementações técnicas e financeiras, como programas integrados que visam fornecer uma educação intercultural às comunidades indígenas. Segundo Brasil (2018) é crucial fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena, assim como manter programas de formação especializado para a educação escolar nas comunidades, e desenvolver currículos específicos voltados a conteúdos culturais e elaborar materiais didáticos que sejam diferenciados.

Os objetivos da implementação dos programas para a educação escolar indígena são significativos. Esses programas visam favorecer o ensino e a aprendizagem dos alunos indígenas que vivem em comunidades específicas, proporcionando a eles uma formação de qualidade por intermédio de conteúdos curriculares adequados.

Currículo Intercultural e Práticas Pedagógicas

Na educação indígena, não podemos considerar o currículo apenas como um espaço de transmissão de informações, mas uma abordagem educacional que contribui ao aprendizado dos alunos. É importante ressaltar que o currículo intercultural ocupa um lugar central nas

vivências dos alunos indígenas, entrelaçando-se com suas culturas. Por isso, quando falamos de currículo intercultural e práticas pedagógicas, é fundamental que cada escola indígena desenvolva currículos específicos e contextualizados para preparar e formar os alunos indígenas. Porque antes, o currículo era centrado no método pedagógico tradicional e tecnicista, que instruíam os indígenas apenas com objetivo de formar mão de obra e não preparavam para a interação social.

Nesta subsecção, destacamos, por meio de observações, que o currículo intercultural da escola Kokama é construído de forma colaborativa, envolvendo a participação ativa de professores indígenas e não indígenas, alunos e membros da própria comunidade. Essa abordagem coletiva é fundamental para garantir que os saberes tradicionais sejam valorizados e transmitidos de geração a geração.

Por intermédio do currículo escolar indígena, é possível trabalhar a busca pela identidade dos alunos indígenas de uma determinada comunidade, que possui culturas diferentes. Isso garante a eles o direito à aprendizagem e à construção de uma educação de qualidade, além de assegurar a pluralidade, que é um direito constitucional, e que ao mesmo tempo são constituídas “[...] Didáticas e Prática de Ensino na relação com os indivíduos e dos grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas produtivamente [...]” Candau (2011, p. 246).

As escolas indígenas devem incluir no currículo temas voltados para a implementação intercultural, que sejam trabalhados no dia a dia dos alunos indígenas. Trabalhar com a experiência intercultural no ambiente educativo “não é um apelo romântico do final do século XX e início do século XXI. Na realidade, a cobrança feita hoje em relação à forma como a escola lida com a diversidade em seu cotidiano, em seu currículo e em suas práticas faz parte de uma história mais ampla” Gomes (2007, p. 22).

Assim, a matriz curricular indígena busca desbravar lugares e culturas, procurando um ponto de equilíbrio entre o que é necessário para as comunidades indígenas adquirirem conhecimentos sobre as diversas culturas existentes. “[...] ou seja, um conjunto de reflexões de cunho educacional com ideias básicas e sugestões de trabalho para as áreas do conhecimento e para cada ciclo escolar das escolas indígenas inseridas no Ensino Fundamental (MENEZES, 2001). Nessa perspectiva, é fundamental que o currículo e a formação indígena sejam reconhecidos em suas teorias, respeitando os procedimentos próprios de cada processo de aprendizagem e considerando o contexto sociocultural como um todo.

2.1.3 Construção de conhecimentos: A Interculturalidade e seu Impacto na Educação Escolar

Quando falamos sobre interculturalidade no ambiente escolar indígena, é fundamental considerar alguns aspectos importantes que desenvolvem um papel crucial na educação. Cada povo grupo étnico traz consigo um rico conjunto de conhecimentos tradicionais e aprendizados que são transmitidos mediante sua cultura. Esses saberes não apenas enriquecem o contexto escolar, mas também ajudam a preservar e valorizar as tradições e identidades étnicas. Assim, a interculturalidade na educação se torna uma oportunidade para todos aprenderem entre si, promovendo o respeito e a compreensão mútua.

Assim, é fundamental que a interculturalidade seja abordada nas escolas, pois é nesse ambiente que todas as diferenças se encontram e se relacionam. A escola é o primeiro espaço onde os estudantes têm contato com essa diversidade tão rica. Trabalhar a interação cultural nas escolas indígenas é especialmente importante, pois, como afirmam os autores Santiago, Akkari e Marques (2013), isso pode impactar positivamente o dia a dia das instituições educacionais, favorecendo o diálogo entre as diferenças e permitindo refletir sobre as diversas identidades presentes.

No contexto de sala de aula, faz-se necessário que os educadores planejem uma abordagem pedagógica voltada a interação cultural, para propiciar o conhecimento e aprendizado dos alunos indígenas, para que sejam também valorizadas as suas culturas, possibilitando e permitindo a eles conhecerem não apenas a cultura indígena, mas sim diversas culturas, porque “A interação do sujeito com o ambiente, com as experiências de vida e com a cultura são fundamentais” (ROMERO, 2017, p.95).

Quando são trabalhados a prática intercultural dentro de sala de sala de aula, os professores não estão somente preparando os alunos, mas sem dúvida estão levando-os a “[...] valorizar a diversidade de saberes e de vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem a entender as relações próprias do mundo do trabalho [...]” (BRASIL, 2017, p. 17).

Trabalhar a prática intercultural na escola contribui significativamente para o processo educacional dos alunos indígenas e também para o desenvolvimento dos próprios professores. Como afirma Lima (2018, p. 89), “[...] ao se depararem com a diversidade cultural, adquirem novos conhecimentos, pois esse contato com o novo gera experiências enriquecedoras, proporcionando um novo olhar e novas descobertas [...]”

É de fundamental importância, que os alunos indígenas aprendam desde cedo que existem pessoas diferentes e que devemos respeitar suas individualidades, trazendo o fortalecimento da própria identidade cultural e a abertura às pessoas de outras culturas, assim todos podem aprender juntos e enriquecer mutuamente sem perder a identidade uns dos outros. “A interculturalidade se constrói como uma colcha de retalhos, a partir da qual os sujeitos em vínculos se permitem fazer escolhas peculiares de integração e transformação cultural” (WEISSMANN, 2019, p. 26).

A prática intercultural nas escolas indígenas visa assim a integração dos grupos no todo social e a escolarização de todos os alunos independentemente da sua cultura, pois acredita-se que nos espaços educativos está sempre uma grande diversidade cultural, que conseqüentemente leva a que haja diferentes saberes, sistemas de valores, de representações e de interpretação da realidade. Durante sua prática pedagógica, o professor deve “[...] oferecer oportunidades educativas a todos, respeitando e incluindo a diversidade em desenvolver processos educativos, metodologias e instrumentos pedagógicos que deem conta da complexidade das relações humanas entre indivíduos e culturas diferentes (FLEURI, 2003, p. 78).

Todavia, a interculturalidade nos ensina sobre aceitação, respeito e valorização das diferenças entre culturas, reconhecendo que todos somos iguais em direitos, mesmo que tenhamos identidades distintas.

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi elaborada a partir da pesquisa etnográfica e bibliográfica, ambas fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Entretanto, fazer etnografia é olhar a sociedade de forma geral, descrevendo de perto as particularidades de um determinado grupo étnico (LAKATOS E MARCONI, 2010).

Essa permitiu que a acadêmica que já é nativa da comunidade, se aprofundasse nas questões relacionadas ao tema, realizando a investigação diretamente no ambiente comunitário e educacional. Essa imersão proporciona uma compreensão mais rica e profunda das dinâmicas que ocorrem nesse contexto.

Por outro lado, a pesquisa bibliográfica envolveu o levantamento e a análise de publicações como livros e artigos. “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” [...] (LAKATOS; MARCONI, 2010, p.166). Durante essa etapa, foi construído um referencial teórico que aprofundou o entendimento sobre os assuntos abordados.

Os participantes do trabalho foram cinco professores da escola, e o coordenador da educação indígena, que trouxeram suas experiências para a investigação. Para compreender melhor sobre o ensino e a prática intercultural nessa escola, foram realizadas entrevistas aos professores, dos quais selecionamos apenas alguns para a discussão. E, para preservar suas identidades, eles foram identificados como Professor (A), (B), (C), (D), (E).

Durante a pesquisa, utilizamos técnicas e instrumentos de coleta de dados que foram relevantes. A técnica da observação participante foi uma das principais ferramentas, permitindo uma imersão significativa na prática intercultural dentro do contexto escolar. Segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 177), essa técnica “consiste na participação real do pesquisador na comunidade. Fica tão próximo quanto ao membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais destes”.

Através da observação participante, buscamos não apenas entender a escola indígena em Sacambú-I, mas também conhecer os alunos e a prática docente que ensina a diversidade cultural. Além disso, realizamos entrevistas semiestruturadas com os professores para obter informações mais detalhadas sobre o tema investigado. Após a coleta de dados, realizamos uma análise qualitativa, conforme descrito por Barros (1990), que envolve a interpretação das informações coletadas de maneira integrada, para o autor:

A fase de análise se constituiu num momento muito importante de todas as pesquisas, pois é nela que buscamos as respostas pretendidas [...]. O êxito na análise dependerá, indiscutivelmente, do próprio pesquisador; do nível do conhecimento, da imaginação, de seu bom senso e de sua bagagem teórica – prática, capacitação de argumentação e de elaboração propriamente distas (Barros, 1990, p. 86 - 87)

A análise qualitativa nos levou a resultados significativos, começando pela organização do material, seguida de uma descrição analítica e, por fim, a interpretação dos dados. Esse processo nos permitiu não apenas compreender a realidade observada, mas também levantar novas hipóteses e buscar mais informações para enriquecer ainda mais a pesquisa.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Histórico da comunidade de Sacambú – I

Figura 1: (A,B). comunidade de Sacambú -I



Fonte: Google Earth, 2026

Esta pesquisa é fruto da nossa experiência como integrante e nativa da comunidade indígena Kokama de Sacambú I, que se encontra localizada na zona rural de Tabatinga. Descrever nossas experiências nesse trabalho, na realidade nos permite trazer à tona não apenas dados e informações, mas também as vivências, memórias e saberes que foram transmitidos com carinho pelos moradores mais antigos da nossa comunidade. Cada relato que compartilhamos carrega a essência da nossa cultura e a força das nossas histórias.

Segundo o relato de Dona Neuza Cordeiro ³, a *comunidade teve origem por volta da década de 1940, sendo formada inicialmente pelas famílias Ermogino, Eduardo, Manduca, Severino, Alípio, João e Cristóvão. Antes de se estabelecerem em Sacambú I, essas famílias viviam em outra comunidade. No entanto, devido ao desmoronamento das terras onde residiam, foram obrigadas a deixar o local e buscar uma nova área para moradia. Ao se instalarem na região atual, deram origem à comunidade, que recebeu o nome “Sacambú” em razão de um lago localizado atrás da localidade, conhecido pela grande quantidade de peixes, o que contribuía diretamente para a subsistência das famílias.*

No início de sua formação, a comunidade contava com aproximadamente 30 habitantes. Apesar de ser um grupo pequeno, mas que, ao longo do tempo, foi se fortalecendo com a chegada de novas famílias. Com o passar dos anos, a comunidade foi se desenvolvendo e

³ Dona Neuza Cordeiro minha avó, é uma das moradoras mais antiga da Comunidade Indígena de Sacambú-I. Ela possui um conhecimento profundo e valioso sobre a história da comunidade, compartilhando relatos importantes que nos ajudam a entender como a comunidade se desenvolveu até se tornar o que é hoje.

ampliando sua população. Entretanto, em determinado período, os moradores enfrentaram ameaças de perda de seu território, motivadas pelo interesse de terceiros na área do lago. Diante dessa situação, algumas famílias deixaram a comunidade, enquanto outras resistiram e permaneceram no local, garantindo a continuidade de Sacambú I.

No que se refere à educação, antes da existência de uma escola na comunidade, o processo educativo ocorria informalmente, sendo o conhecimento transmitido pelos pais e pelos mais velhos às crianças. Esse ensino envolvia saberes tradicionais relacionados à vivência cotidiana, como o trabalho na roça, a pesca, o respeito à natureza e a preservação dos costumes culturais. Durante um período, a comunidade ficou sem acesso à educação formal. Posteriormente, surgiu um espaço improvisado de ensino, que funcionava em uma capela de palha. No ano 1972, foi construída uma escola de madeira, que atendia apenas até a quarta série do ensino fundamental, contando com apenas um professor, que na época a comunidade pertencia ao município de benjamim Constant. Para dar continuidade aos estudos, os alunos precisavam se deslocar para outra comunidade, o que era inviável para muitos devido à falta de condições financeiras e de transporte.

Por um tempo, nossa comunidade não era reconhecida como indígena, éramos vistos apenas como uma comunidade de campo. No entanto, com o passar dos anos, os primeiros moradores começaram a afirmar com orgulho sua identidade como indígenas Kokama, revelando que suas famílias tinham raízes indígenas profundas. Esse processo de autoafirmação foi essencial para que, aos poucos, deixássemos de ser apenas uma comunidade do campo e fôssemos reconhecidos como parte do povo Kokama. A base da nossa subsistência sempre esteve ligada às atividades tradicionais, especialmente a agricultura e a pesca. Essas práticas não apenas garantiam o sustento de nossas famílias, mas também estavam intimamente conectadas aos ciclos da natureza, refletindo a harmonia que buscamos manter com o ambiente ao nosso.

Atualmente, a comunidade tem 211 habitantes. Com o passar dos anos, a comunidade apresenta alguns avanços, especialmente no acesso à educação, à saúde entre outros. Temos escola com estrutura de alvenaria, gestor, apoio pedagógico, administrativo e professores da própria comunidade, vale ressaltar que também temos professores de Tabatinga que não são indígena e lecionam na comunidade, temos cacique, vice cacique agente de saúde, ou seja, a comunidade tem equipes que cuidam das necessidades da comunidade.

Além disso, a comunidade está se adaptando às mudanças da sociedade contemporânea. Hoje em dia, o povo indígena da comunidade de Sacambú-I, tem acesso à tecnologia, internet, celulares e computadores, o que permite se conectarem com o mundo de

maneira intercultural. Essa interconexão proporciona uma oportunidade de interagir com pessoas de outras culturas, seja por meio de conversas com amigos da cidade ou através das redes sociais. A tecnologia se tornou uma ponte que nos liga a diversas realidades, enriquecendo nossas experiências e ampliando nossos horizontes.

3.2 lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Indígena Kokama Antônio Braga, que oferece o Ensino Fundamental à comunidade indígena kokama de Sacambú I, localizada na zona rural de Tabatinga, no Amazonas. A Escola foi construída em 1972, por meio de um projeto educacional denominado “Campos Avançados”, promovido pelo município de Benjamin Constant, ao qual a comunidade pertencia naquele período.⁴

Figura 2: (A,B). Escola de Sacambú-I



Fonte: Arquivos de pesquisa – Vaneila Pevas, 2026

Atualmente a escola, possui um quadro com 7 professores e demais funcionários: 2 mediadores, 1 assistente, 1 auxiliar administrativo, 4 monitores, 8 serviços gerais, 2 merendeiras, 3 vigias, 1 motorista e 1 porteiro.

A escola atende a creche, Pré-I e II, Ensino fundamental I e II e também ao ensino médio, porém o ensino é tecnológico, nele estudam 106 alunos. E possui um anexo em outra comunidade próxima sendo a comunidade de Sacambú-II. E 06 salas de aula. E por atender esses segmentos de ensino, a mesma desenvolve projetos interculturais com finalidade de contribuir com o aprendizado dos alunos, os quais não direciona somente a cultura, mas a prática da interculturalidade entre alunos e professores se constrói com base no respeito,

⁴ Informações retirada do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena de Sacambú-I.

onde alunos e professores mantem uma boa relação e convívio em sala de aula, respeitando uns aos outros.

Para mergulharmos no ensino e na prática intercultural na escola indígena de Sacambú – I, começamos nossa jornada buscando entender a formação e a realidade educacional tanto dos professores indígenas quanto dos não indígenas. Essa compreensão é fundamental, pois cada educador traz consigo experiências e saberes que enriquecem o ambiente escolar e contribuem para a construção de um espaço de aprendizado mais inclusivo e respeitoso.

3.1 Formação docente e sua contribuição ao ensino intercultural na escola indígena

A formação docente é um fator preponderante que traz contribuições ao processo de ensino e aprendizagem na educação indígena. Observamos, no cotidiano escolar, que todos os professores possuem diferentes formações. Para obter mais conhecimento, indagamos aos professores sobre sua formação docente, anos de docência e séries em que lecionaram e lecionam. Essas informações são essenciais para entender melhor o contexto e a experiência dos educadores que trabalham com a comunidade indígena. As respostas obtidas foram:

Quadro 1: TEMPO DE FORMAÇÃO

PROFESSOR	FORMAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA	TURMAS QUE LECIONA
Prof. (A)	Letras	10 anos	6º ao 9º ano
Prof. (B)	Matemática	1 ano	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental
Prof. (C)	Letras	1 ano	2º, 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental
Prof. (D)	Geografia	8 anos	6º ao 9º ano
Prof. (E)	Licenciatura em Pedagogia Pós-graduada em Psicopedagogia e Mestra em Ciências da Educação	4 anos	Educação Infantil, e Educação Fundamental de 1º ao 5º ano

Fonte: Vaneila Pevas, 2025.

Ao analisarmos as entrevistas, percebemos que os professores possuem formações diferenciadas, abrangendo área como Letras, Matemática, Geografia e Pedagogia. Dentre os cinco professores entrevistados, três deles (A, D e E) são moradores da comunidade local, enquanto os outros dois (B e C) são da zona urbana de Tabatinga. Esses mesmos professores

mencionados nas entrevistas também assumem disciplinas como história e ciências, mesmo não possuindo formação específica nessas áreas.

Os professores compartilharam que possuem formações acadêmicas, mas ao observar o contexto das salas de aula, notamos que, apesar de suas qualificações, os professores (A), (B), (C) e (D) não estão lecionando exatamente nas áreas em que se formaram. Essa desconexão entre a formação e a prática docente traz desafios significativos, especialmente para aqueles que não são indígenas e estão ingressando pela primeira vez na comunidade. Entretanto, mesmo sem formação específica, os professores assumem também disciplinas como história e geografia. Essa realidade evidencia a carência de profissionais especializados na escola, fazendo com que os docentes precisem atuar em diferentes áreas de conhecimentos para atender às necessidades da instituição. Tal situação, é comum na escola indígena e em comunidades mais afastadas dos centros urbanos, onde há dificuldades para contratação e permanência de professores formados em determinadas disciplinas.

Somente o professor (E) está atuando na sua área específica de formação e, além disso, possui uma sólida formação acadêmica, com pós-graduação e mestrado. A atuação do professor (E) como um profissional qualificado pode servir como um exemplo inspirador para os demais, mostrando a importância de alinhar a formação acadêmica com a prática pedagógica.

A formação em nível superior em áreas específicas do currículo escolar é uma obrigatoriedade determinada pela LDBEN. Entretanto, sabemos que, para além da formação geral em cursos de graduação, o trabalho que precisa ser desenvolvido em escolas indígenas, numa perspectiva intercultural necessita de saberes que vão além da formação do conteúdo específico a ser ensinado.

Investir em formação continuada é de suma relevância para maximizar o potencial de cada professor e, conseqüentemente, melhorar a qualidade do ensino oferecido aos alunos. Isso ressalta a importância da formação específica para lecionar nesse contexto, e, como a experiência enriquece as aulas no ensino básico. Dessa forma, destaca-se o quão a formação docente é essencial, pois “a formação inicial de professores indígenas deverá ser realizada em cursos específicos de licenciaturas e pedagogias interculturais [...]” (BRASIL, 2015, p. 2). Assim como pode ser complementada com outros cursos, para obtenção de maiores conhecimentos e aprendizados para contribuir com o ensino e obter resultados significativos em sua prática pedagógica.

Por intermédio da formação, o professor desenvolve o processo de ensino e aprendizagem e constrói o diálogo intercultural, “[...] mediando e articulando os interesses de

suas comunidades com os da sociedade em geral e com os de outros grupos particulares, promovendo a sistematização e organização de novos saberes e práticas”. (BRASIL, 2012, p. 10). E a busca por novos conhecimentos, leva o professor a trabalhar conteúdos que trará sentido e significado a formação do aluno indígena (GRUPIONI, 2003).

Para trabalhar na comunidade indígena, é fundamental que os educadores não apenas possuam formação e conhecimentos, mas também dominem ou falem a língua nativa indígena. Diante disso, questionamos aos professores sobre sua etnia indígena e seu domínio do idioma falado. As respostas que recebemos foram:

Prof. (A) *Etnia Kokama. Não tenho domínio porque não tive curso preparatório;*

Prof. (B) *Etnia Kokama. Não Tenho domínio da língua falada porque meus parentes perderam a língua materna;*

Prof. (C) *Não tenho domínio no idioma, porque é o meu primeiro ano na comunidade indígena;*

Prof. (D) *Etnia Kokama. Mas não tenho domínio da língua indígena.*

Prof. (E) *Pertenço a etnia KOKAMA. Mas não fala a língua. Na escola ensinamos o básico da nossa língua materna, por exemplo, as vogais, os numerais entre outros. (Dados coletados em entrevista, dezembro de 2025).*

Quando falamos da língua nativa em um contexto de uma escola indígena, levamos em consideração a apropriação da língua falada, pois cada povo possui sua língua materna, que jamais deve ser deixada de ser ensinada. Vejamos que dos cinco docentes entrevistados, quatro se identificam como pertencentes à etnia Kokama professores (A, B, D e E), porém não falam e não dominam a língua, mas procuram ensinar o básico do ensino. Enquanto o Prof. C não possui etnia declarada e também não domina a língua Kokama. Esse fato revela uma lacuna na formação linguística e cultural desses educadores, que pode impactar negativamente o processo educacional.

A ausência de fluência na língua Kokama, especialmente em um contexto de educação indígena, muitas vezes gera barreiras de comunicação entre professores e alunos, dificultando a transmissão de conhecimentos e aprendizados. Essa limitação reforça a importância da língua materna como um elemento essencial para a efetividade da prática pedagógica em escolas indígenas. Sabe-se que a língua materna Kokama encontra-se em revitalização. Mesmo sem o domínio falado da língua, observamos que alguns professores da comunidade de Sacambú-I, procuravam valorizá-la por meio de suas práticas, reafirmando a identidade indígena, sua história e sua cultura, seus costumes. Nesse sentido, percebe-se a presença da interculturalidade no processo educativo, uma vez que há a articulação entre os conhecimentos tradicionais do povo Kokama e os conhecimentos escolares.

A partir das informações apresentadas pelos professores, evidenciamos a urgência de investir na formação linguística e cultural dos professores que atuam em comunidades indígenas. A língua materna é um elemento essencial que nunca deve ser deixado de lado. Na perspectiva da educação indígena, é fundamental que a língua materna seja ensinada e valorizada. Ela não apenas conecta os alunos às suas raízes culturais, mas também fortalece sua identidade e seu sentido de pertencimento. Diante disso a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), enfatiza no artigo 78, que proporciona a educação escolar bilíngue e intercultural, focada no fortalecimento das culturas, línguas maternas e memórias históricas, além de acesso aos conhecimentos da sociedade nacional.

Sendo assim, “o ensino fundamental regular deve ser oferecido em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas o direito de utilizar suas línguas maternas seus processos próprios de aprendizagem” (BRASIL, 2012, p. 122).

3.2 Práticas pedagógicas dos professores na Escola Kokama da Comunidade Indígena de Sacambú-I

No contexto da pesquisa, enfatizamos que a prática desenvolvida no ambiente de ensino, é centrada nos alunos, com objetivo de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. Durante as observações realizadas em sala de aula, percebemos que alguns professores da comunidade desenvolvem sua prática pedagógica diferenciada, garantindo a participação coletiva, incentivando o diálogo entre a turma e promovendo um ambiente mais interativo, onde utilizam materiais, conteúdos e metodologias diferenciadas no processo formativo dos alunos, como veremos na discussão abaixo, além de outros aspectos direcionados à prática em sala de aula.

Antes de sabermos mais sobre a prática, procuramos de início compreender o ensino e a prática intercultural na escola indígena, e, indagamos aos professores: A escola indígena em que você atua, desenvolve projetos educacionais sobre interculturalidade? Você participa da elaboração? E como é realizado? Descreva. As respostas obtidas foram:

Prof. (A) - *Sim. Participo sim, e é realizado com brincadeira, danças e músicas culturais;*

Prof. (B) –*Apesar de possuir um ano de experiência na educação indígena, participo ativamente dos projetos para ajudar meus alunos dentro de sala de aula. É realizado através de danças culturais e também de comidas típicas da cultura indígena e dessa forma o ensino intercultural está presente na comunidade e vida dos alunos.*

Prof. (C) -*sim, é realizado com caminhadas culturais, passeio pela comunidade indígena e atividade dentro e fora da escola com os alunos;*

Prof. (D) -*A escola desenvolve sim projetos culturais;*

Prof. (E) *Sim, na escola a um projeto (UNB), Projeto dos Saberes. Trabalha a valorização e integração dos saberes indígenas, e preservação da identidade cultural. Trabalha-se através das histórias dos ancestrais, história da comunidade, artesanato, crenças, variedades de animais, variedades de árvores, valorização das plantas*

medicinais, os lagos e variedades de peixe. Além disso, incentivamos a nossa língua Materna através de cartazes utilizado na rotina diária nas aulas práticas, por exemplo o alfabeto, números, vogais. É trabalhado também tradução de palavras simples, nomes de objetos culturais e músicas. Desse modo este projeto é ministrado através de temas interdisciplinares. (Dados coletados em entrevista, dezembro, 2025).

Vejamos que todos os professores fazem parte da elaboração do projeto intercultural e isso torna-se relevante para a prática pedagógica em contextos interculturais. Dessa forma, destacamos que a participação dos professores é um dos pontos primordiais para o fortalecimento do ensino intercultural na escola indígena de Sacambú-I. Através da participação, os professores tendem “[...] oferecer oportunidades educativas a todos, respeitando e incluindo a diversidade de desenvolver processos educativos, metodologias e instrumentos pedagógicos que deem conta da complexidade das relações humanas entre indivíduos e culturas diferentes. (FLEURI, 2003, p. 78).

Mas a partir das observações, constatamos ainda que necessita haver um alinhamento com a abordagem pedagógica com métodos diferenciados para que o professor indígena e não indígena possa trabalhar com os alunos da comunidade para que eles cresçam e saibam reconhecer e valorizar suas culturas locais, para obterem bons aprendizados e ao mesmo tempo compartilhem entre colegas da própria comunidade ou de outras os saberes de sua cultura, como costumes, modos, vivências e etc.

Também os professores foram questionados de como trabalha em sua prática pedagógica o ensino e a prática intercultural no aprendizado dos alunos indígenas, destacando as didáticas que utilizam para o ensino intercultural.

Prof. (A) - Trabalho em forma de músicas, danças e desenhos culturais. Ensinando seus direitos. Na didática utilizo na língua portuguesa com história, contos e lendas;

Prof. (B)- Trabalho com a cultura indígena, na utilização da metodologia ativa para envolver todos os alunos. E procuro ensinar da melhor forma possível, com materiais didáticos que envolve um determinado conteúdo;

Prof. (C) -Trabalho elaborando projetos, realizando atividades também como passeio dentro e fora da escola, para integrar a teoria e a prática para formar indivíduos críticos;

Prof. (D) - Sempre integrando saberes, costumes e crenças. São várias. Porém a mais de sucesso é a participação, ouvir mais e conhecer a realidade do aluno.

Prof. (E) Os conteúdos são trabalhados de forma interdisciplinar, como são-comidas típicas; pinturas corporais utilizando tintas naturais como; urucum, jenipapo, açafraão. (Dados coletados em entrevista, dezembro, 2025).

No contexto escolar, o professor tem liberdade de desenvolver uma excelente aula, para isso ele desenvolve planos e traça metas para não apenas alcançar êxito em sua prática, mas cria um ambiente propício e favorável para ensinar de forma eficaz, levando os alunos a participar

ativamente das atividades propostas. Observamos na escola investigada que os professores não trabalham sozinhos, eles contam com o apoio do gestor e da equipe pedagógica para desenvolver seus planejamentos.

Nos relatos das entrevistas, os professores ressaltaram que trabalham com o ensino e a prática intercultural para ensinar os alunos. Mas, na sala de aula, observamos que apesar de ter acompanhamento pedagógico, alguns professores não estão trabalhando de forma adequada conforme mencionado nas entrevistas. Essa contradição entre o que é declarado e o que realmente ocorre em sala de aula é um ponto fundamental a ser analisado no contexto da pesquisa, porque quando o professor relata algo, ele de fato precisa vivenciar e trabalhar conforme mencionado. Mas, o que observamos é que alguns professores não indígenas apresentam dificuldades em trabalhar conteúdos voltados para a realidade dos alunos. Em muitos casos, utilizam uma metodologia mais tradicional, caracterizada pelo uso excessivo do quadro, poucas explicações e pouca interação com a turma.

Enquanto outros procuravam sempre abranger elementos que fazem parte da interculturalidade da comunidade indígena. Essa prática traz contribuição ao aprendizado intercultural do aluno. Os professores ao utilizarem materiais concretos, deve sempre levar em consideração a realidade dos alunos, o que facilita a compreensão dos conteúdos. Além disso, buscar relacionar os conteúdos ao cotidiano dos estudantes, valorizando aspectos da cultura local, como a história da comunidade, os costumes e elementos da língua materna.

Observamos no contexto escolar, que os professores entrevistados ainda precisam envolver mais os alunos nas atividades práticas, a fim de ampliar seus conhecimentos interculturais. É fundamental que deixem de lado a teoria e se concentrem na prática, permitindo que os alunos tenham experiências significativas. Dessa forma, tanto professores quanto alunos têm a oportunidade de aprender uns com os outros. “[...] ao se depararem com a diversidade de cultura adquirem novos conhecimentos, pois esse contato com o novo gera novas experiências de um novo olhar, de uma nova descoberta” (LIMA, 2018, p.89).

No contexto intercultural, o professor tem uma responsabilidade muito grande de não apenas ensinar aos alunos, mas, sim de preparar para a vida em sociedade e por isso deve possuir formação, experiência e procurar agregar em sua prática pedagógica materiais que facilitem o aprendizado intercultural do aluno indígena. Ainda em relação a prática pedagógica, os professores foram questionados: Em sua prática pedagógica os conteúdos voltados ao ensino intercultural são trabalhados para enriquecer o conhecimento dos alunos indígenas? Cite os conteúdos trabalhados em sala de aula. As respostas obtidas foram:

Prof. (A) - Sim, os conteúdos são importantes para aprimorar o aprendizado dos alunos, e utilizo sempre materiais como cipó, madeira, e artesanato tudo da natureza.

Prof. (B)- Todos conteúdos trabalhados em sala de aula, só enriquecem o conhecimento cultural dos alunos, porque nas aulas trabalhamos com os materiais concretos para que os alunos possam se envolver mais na aula. E trabalho bastante o conteúdo cultura e identidade. Porque de certa forma, o ensino intercultural tem muito a contribuir para a formação dos alunos indígenas que os leve a valorizar e reconhecer a identidade de cada povo indígena.

Prof. (C)- Sim, trabalho a diversidade cultural dos alunos.

Prof. (D)- Em minha prática pedagógica todos conteúdos são essenciais, e sempre trabalho com temas ligadas a realidade dos povos indígenas, temas como lendas indígenas, culturas, esportes e territorialidade e etc.

Prof. (E). Sim pois é muito difícil resgatar algo que já está sendo esquecido e desvalorizado, ou seja, sendo apagada de certa forma, é necessário um processo delicado e trabalhoso para resgatar nossa identidade incluindo nas disciplinas interdisciplinares assim contribuir no desenvolvimento e conhecimento para o ensino aprendizado dos alunos. História e lendas regionais, relatos de anciões da aldeia. Produção de textos de relatos, desenhos culturais. **(Dados coletados em entrevista, dezembro, 2025).**

Nas entrevistas, observamos que os professores afirmam que, os conteúdos são importantes para enriquecer os conhecimentos e aprendizado intercultural dos alunos indígenas. De fato, todos conteúdos são de extrema relevância. Na prática, observamos que, embora os professores estejam dedicados ao ensino em sala de aula, é essencial que haja mais aulas práticas. Isso permitirá que os alunos alcancem um nível mais elevado de aprendizagem intercultural. Além disso, é fundamental que os professores se sintam seguros ao explicar o conteúdo, pois essa confiança reflete diretamente na qualidade do ensino e na receptividade dos alunos.

O artigo 210 da Constituição de 1988 destaca a importância dos conteúdos para o ensino, assegurando o uso das línguas maternas e respeitando os processos de ensino e aprendizagem dos alunos. Assim, busca-se garantir que as culturas nacionais e regionais sejam respeitadas e valorizadas.

Por fim, convidamos os professores a compartilhar suas sugestões sobre o que poderia ser acrescentado de diferente em relação ao ensino intercultural na escola Kokama. As respostas foram as seguintes:

Prof. (A) Eu acrescentaria mais formações para os professores que trabalham com os alunos indígenas, porque com a formação na área indígena saberão desenvolver um bom trabalho.

Prof. (B) Que haja formação específicas e que possamos trabalhar mais metodologia que envolva os alunos na prática, para que todos possam adquirir uma boa aprendizagem cultural.

Prof. (C) *Como é meu primeiro ano trabalhando na comunidade, destaco que um dos pontos importantes é a preparação dos professores. Porque é um desafio, o professor chegar em uma sala de aula e se deparar com uma turma que não fala a língua portuguesa clara. Então o professor antes de tudo, deve ter conhecimento da língua kokama.*

Prof. (D) *Formação continuada para os professores indígenas, porque muito professores sente dificuldades em relação a língua falada, muito não consegue compreender o que o aluno fala. E isso faz parte do ensino intercultural.*

Prof. (E) *Sim, minha sugestão seria ter um EDUCADOR específico para a disciplina em questão, ou seja, que tenha domínio e formação. Porque muitas vezes os professores que atuam nessa área não têm um conhecimento aprofundado. E também seria tirar um pouco a teoria e trabalhar mais a prática, por exemplo, aula de campo, palestras de anciões, criar textos e histórias relacionados a nossa cultura, produzir lendas usando a criatividade e imaginação, desenhos, brincadeiras tradicionais, comidas típicas, danças, rituais e festas comemorativas. (Dados coletados em entrevista, dezembro, 2025).*

Mediante as respostas apresentadas pelos professores da referida escola indígena, analisamos que o ensino intercultural é ainda um grande desafio para os professores que lecionam na comunidade indígena, por abranger os seguintes aspectos destacados como: formação continuada, barreira linguística por não compreenderem a língua falada, e necessidade de trabalhar mais metodologias práticas à realidade local.

Vale ressaltar que, quando o professor não conhece o contexto sociocultural em que os alunos estão inseridos, sua prática pedagógica tende a ser limitada. Por isso, é fundamental que busque compreender essa realidade e reconheça que a educação indígena deve ser diferenciada, fundamentada nos princípios da interculturalidade, valorizando o diálogo entre diferentes saberes, o respeito às identidades culturais e a construção de um ensino mais significativo para os estudantes.

Diante dessa análise, é indispensável que a Secretaria de Educação, por meio da coordenação da educação indígena, ofereça todo o suporte e apoio necessário aos professores. Isso inclui a preparação contínua e específica, com formações que abordem tanto a língua quanto a cultura Kokama. Essa capacitação é fundamental para que os docentes possam desempenhar seu papel com mais eficácia e conexão com a realidade dos alunos da comunidade de Sacambú-I.

Para compreendermos a educação indígena e a interculturalidade, nos debruçamos sobre uma análise voltada para a Proposta Curricular da Educação Indígena do Município de Tabatinga, no Amazonas. Essa reflexão é fundamental para entender como as diretrizes educacionais podem promover um ambiente de aprendizado que respeite e valorize as diversas culturas presentes na região, garantindo que as vozes e saberes dos povos indígenas sejam integrados de forma significativa no processo educativo.

3.3 Análise da Proposta Curricular da Educação Indígena para a interculturalidade

A Proposta Curricular da Educação Indígena de Tabatinga, Amazonas, constitui-se em um documento primordial que normatiza o currículo e orienta o trabalho pedagógico dos professores indígenas. Ela foi elaborada em conformidade com a Constituição Federal, RCA e dentre outras legislações, visando que o município de Tabatinga aborda questões essenciais como diversidade étnica cultural, línguas, saberes tradicionais, formação de alunos indígenas e formação de professores, respeito e inclusão relacionados ao contexto intercultural.

A importância da Educação Indígena no município de Tabatinga, Amazonas, é indiscutível, considerando a riqueza cultural e étnica das comunidades indígenas que habitam essa região. Tabatinga é lar de diversas etnias indígenas, cada um com sua língua, costumes, tradições, e conhecimentos ancestrais únicos. A Educação Escolar Indígena desempenha um papel essencial no fortalecimento e na preservação dessas identidades culturais. Ela permite que os jovens indígenas tenham acesso a uma educação que valorize e respeite suas línguas e cultura, contribuindo para a transmissão e revitalização dos conhecimentos tradicionais de suas comunidades. (PROPOSTA CURRICULAR DE TABATINGA- AM, p. 36, 2026)

A Educação Indígena assim como outras etapas de ensino, é de extrema relevância para a vida e formação do indivíduo. Por meio das práticas educativas indígenas, os alunos têm a oportunidade de obterem um conhecimento que lhes ajudarão em sua vivência cultural, para preservação de suas identidades étnicas e culturais.

Ao proporcionar uma educação de qualidade, contextualizada e intercultural, a Educação Escolar Indígena também prepara os estudantes para enfrentarem os desafios do mundo contemporâneo, capacitando-os para o exercício de atividade produtivas, o empreendedorismo local e a construção de futuro mais promissor para suas comunidades (PROPOSTA CURRICULAR DE TABATINGA- AM, p. 36)

A Proposta Curricular enfatiza a importância da educação indígena, ressaltando que ela deve ser de qualidade, contextualizada e intercultural. Ela é fundamental para preparar os alunos indígenas a enfrentarem os desafios do dia a dia. No entanto, é essencial que, na prática, essa educação contextualizada e intercultural se torne cada vez real. Para que os alunos possam realmente avançar em seus conhecimentos e colocarem em prática seus aprendizados, é necessário que eles tenham a oportunidade de dialogar sobre suas culturas em diferentes lugares e estados, especialmente quando saem de suas comunidades.

Os conhecimentos que os alunos obtêm por meio da educação indígena, enriquece sua experiência, mas também permite que compartilhem suas tradições e aprendizados com o mundo, contribuindo para um intercâmbio cultural significativo. Assim, é vital que a educação indígena não seja apenas uma teoria, mas uma prática viva e dinâmica, que realmente prepare os jovens para se tornarem protagonistas de suas histórias e para se conectarem com outras culturas de maneira respeitosa e enriquecedora.

A Proposta Curricular da Educação Indígena do Município de Tabatinga, tem como objetivo [...] investir no fortalecimento das identidades culturais e na promoção da inclusão social e do desenvolvimento humano, social, econômico e ambiental das comunidades indígenas, garantindo que as futuras gerações possam viver com dignidade, [...] contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e multicultural (PROPOSTA CURRICULAR DE TABATINGA-AM, p. 36).

Para irmos além da análise da Proposta Curricular da Educação Indígena do Município de Tabatinga, decidimos buscar informações diretamente com o coordenador da educação indígena. Nosso objetivo foi compreender como as orientações curriculares propostas pela Coordenação da Educação Indígena (SEMED) se manifestam na prática, especialmente no que diz respeito à interculturalidade indígena na Comunidade de Sacambú – I. Em resposta o coordenador da educação indígena, descreveu que:

A Secretaria Municipal de Educação Indígena propõe orientações que valorizam a interculturalidade indígena, respeitando as especificidades culturais e linguísticas de cada comunidade. Isso inclui a promoção do diálogo entre os saberes tradicionais e os conhecimentos científicos, visando uma educação que respeite a identidade própria. As propostas curriculares apresentadas aos professores que atuam na comunidade indígena buscam atender às necessidades específicas de cada povo, considerando a interculturalidade e a valorização da língua e da cultura indígena. O currículo é construído com a participação das comunidades e líderes indígenas, visando uma educação diferenciada e de qualidade (dados coletados em entrevista, março, 2026).

Procuramos ainda, saber se os professores realmente recebiam formações presenciais dentro das comunidades indígenas. E como era realizado a prática intercultural com os professores que atuavam nas escolas indígenas. Resposta obtida:

Os professores recebem formações presenciais dentro das comunidades indígenas. O processo é realizado por meio de programas de formação continuada, que visam capacitar os professores para atuar de forma eficaz nas escolas indígenas, respeitando as especificidades culturais e linguísticas de cada comunidade. A SEMED desenvolve e acompanha a prática intercultural com os professores por meio de programas de formação continuada e apoio técnico, visando garantir que a educação seja de qualidade e respeite identidade indígena. Além disso a SEMED, busca promover a participação das comunidades indígenas na gestão da educação. (Dados coletados em entrevista, março, 2026).

Observamos que o coordenador destaca fatores relevantes, mas os docentes investigados deram ênfase para a questão da melhoria do ensino, onde reforçam que para que isso possa ser promovido, é necessário não apenas disponibilizar materiais, realizar projetos, mas o importante é oferecer um acompanhamento adequado e formações específicas à docência indígena, que é um dos grandes desafios para os professores indígenas e não indígenas por não possuírem formação específica em suas áreas de atuação como professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos proporcionou uma visão mais profunda sobre como o ensino se desenvolve no contexto intercultural indígena da escola Kokama, localizada em Sacambú I. A prática intercultural no contexto da escola investiga, se constrói por intermédio de trocas de conhecimentos entre alunos/professores e vice-versa. Assim, como o ensino intercultural não apenas enriquece o aprendizado, mas também oferece conhecimentos e oportunidades que ajudam na formação e no fortalecimento da identidade cultural dos alunos. É um processo que valoriza a diversidade e promove um ambiente educacional, para que os alunos indígenas possam reconhecer e valorizar sua cultura.

Este trabalho, que se debruçou sobre a investigação do ensino e da prática intercultural na Escola Kokama, localizada na comunidade indígena de Sacambú, em Tabatinga/AM, trouxe à pesquisadora uma rica oportunidade de observar diversos aspectos significativos em torno da temática.

Começamos destacando que o domínio da língua e da cultura local vai além da comunicação básica, ele é um elemento central para promover a interculturalidade e fortalecer os laços entre diferentes culturas. Outra questão refere-se a didática de ensino que necessita ser trabalhada mais aula prática comparando com as teóricas, isto é, sair da didática tradicional e partir para a ativa, interativa e que dialogue com a cultural local, facilitando mais o aprendizado no contexto intercultural. Além disso, os professores, tanto indígenas quanto não indígenas, devem trabalhar juntos para fortalecer o currículo da escola de Sacambú-I que integre os saberes tradicionais, para sejam ensinados a diversidade cultural de forma eficaz. Assim como as aulas ministradas pelos professores devem ser compostas por atividades práticas, para que alunos aprendam de forma significativa e contextualizada.

Além de trazer contribuições valiosas dos autores que foram essenciais para a construção e o desenvolvimento do estudo, eles destacaram, de forma significativa, a importância de abordar temas relacionados à interculturalidade como parte fundamental da formação dos alunos. Além disso, é necessário que as escolas incluam em seus currículos conteúdos que tratem da interculturalidade, pois, ao trabalhar esses tópicos no ambiente escolar, os professores assumem um papel central na formação da identidade dos alunos indígenas. Esse trabalho pedagógico contribui para que os alunos aprendam a valorizar sua própria cultura, ao mesmo tempo em que desenvolvem o respeito e a apreciação pelas culturas de outras pessoas, ampliando seus horizontes e enriquecendo seus conhecimentos culturais.

Em sala de aula, os professores têm um papel fundamental como mediadores do conhecimento. Para isso, devem ser autênticos, participativos e buscar constantemente inovar suas práticas pedagógicas, mesmo no contexto de escolas indígenas. É essencial que utilizem didáticas e conteúdos diferenciados, proporcionando aos alunos vivências práticas que os ajudem a assimilar melhor os conteúdos trabalhados. Apenas dessa forma será possível contribuir efetivamente para o aprendizado escolar dos estudantes.

Por fim, ao evidenciar essas questões, o trabalho reforça a necessidade de investir na formação específica dos professores indígenas e não indígenas, garantindo que eles estejam preparados para atuar em contextos indígenas com sensibilidade, respeito e conhecimento. Somente assim será possível construir uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora, que valorize as culturas indígenas e promova o aprendizado mútuo entre diferentes culturas.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Referencial Curricular Amazonense**. Manaus, 2019.

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**/Aidil de Jesus Paes de Barros, Neide Aparecida de Souza Lehfeld. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394/ 96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

_____. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

_____. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

_____. Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012. **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. Brasília: Diário Oficial da União, DF, Seção I, p. 7, jun. 2012.

_____. Resolução CNE/CP nº 1/2015. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Educação Superior e de Ensino Médio e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 8 de janeiro de 2015 – Seção 1 – pp. 11-12.

CANDAU, Vera Maria. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem fronteiras.** v. 11, n. 2, 240-255, 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>>. Acesso em 26 dezembro. 2025.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Desafios à educação intercultural no Brasil.** Texto apresentado no III Seminário de pesquisa em educação Região Sul Fórum Sul de coordenadores de Pós Graduação. Porto Alegre, dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www.Rizoma.fsc.br>>. Acesse 14 de dezembro de 2024.

GARRIDO, Ednardo Arcanjo. **Educação escolar indígena e a formação de professores para a educação básica** : as produções científicas contidas nos bancos de dados do Instituto de Natureza e Cultura / Ednardo Arcanjo Garrido . 2021

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: Diversidade e currículo.** Organizado por Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. Em Aberto / Experiências e Desafios na Formação de Professores Indígenas no Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v. 1, n. 1, (nov. 1981-). – Brasília: O Instituto, 1981- . Em Aberto, Brasília, v. 20, n. 76, p. 3-5, fev. 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, E.I; GUIDASTRE, L; KANASHIRO, M.D.D.M. **Diversidade cultural no ensino fundamental: o apoio das novas tecnologias no processo educativo.** In: ETIC – Encontro de Iniciação Científica, Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente, São Paulo, 2018.

MENEZES, Ebenezer Takuno; SANTOS, Thais Helena dos. **RCN para Escolas Indígenas. Dicionário Interativo da Educação Brasileira-EducaBrasil.** São Paulo: Midiamix Editora, 2001.

PAULA, Eunice Dias de. **A interculturalidade no cotidiano de uma escola indígena.** Caderno CEDES, dez 1999. Volume 19, nº 49, Páginas 76-91.

ROMERO, P.E.B. **Multiculturalismo: Diversidade cultural na escola.** Dissertação de Mestrado em Docência e Gestão da Educação apresentada à Universidade Fernando Pessoa, 2017.

SACAMBÚ I- Mapa. Disponível em: <https://mapcarta.com/pt/N3934262989/Mapa>. Acesso em: 03 maio 2026.

SANTIAGO, Mylene Cristina; AKKARI, Abdeljalil; MARQUES, Luciana Pacheco. **Educação Intercultural: Desafios e Possibilidades.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SIMAS, H. C. P.; PEREIRA, R. C. M. **Desafios da Educação Escolar Indígena. Revista Escrita,** Rio de Janeiro, n. 11, Ano 2010. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_escrita.php?strSecao=input0. Acesso em 10 fevereiro. 2026.

WEISSMANN, Lisette. **Interculturalidade e Vínculos Familiares**. São Paulo: Editora Blücher, 2019.

WALSH, Catherine. **La educación intercultural en la educación**. Peru: Ministerio de Educación, 2001. Mimeografiado.